

A definição de ser humano: contexto e perspectiva

Itélio Joana Muchisse¹
Universidade Católica de Moçambique

Armindo Armando²
Universidade Zambeze

Resumo: No quotidiano da comunidade, a moral encontra momentos de questionamento porque o espírito humano vive em encruzilhadas e incertezas. A luta pelo estatuto e pela representação individual é forte. O propósito de justiça universal é o respeito pelo ser humano. É necessário conceber o contexto actual para melhor interpretar os possíveis futuros do ser humano enquanto um sujeito de acções e de posições num contexto específico. Ademais, o seu posicionamento deve ser em prol do Bem-Comum. O Artigo é fundamentalmente teórico como um aporte bibliográfico, cujo método empregado foi o hermenêutico.

Palavras-chave: ser humano; sociedade; antropologia.

MUCHISSE, Itélio Joana; ARMANDO, Armindo. **A definição de ser humano: contexto e perspectiva.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 9 (21): 311-320, setembro a dezembro de 2022. ISSN: 2358-5587

¹ Mestrando em Direitos Humanos, Justiça e Paz pela Universidade Católica de Moçambique; licenciado em Ensino de História com Habilitações em Ensino de Filosofia pela Universidade Save/Maxixe e consultor.

² Doutorando em Língua, Cultura e Sociedade; Investigador do CECS /ICS: Universidade do Minho vs Universidade Zambeze; colaborador do grupo de estudo AprenCultOrg: Aprendizagem e Cultura Organizacional do CNPq/UFRRJ e consultor.

The definition of human being: context and perspective

Abstract: In the daily of the community, morality finds moments of questioning because the human spirit lives at a crossroads and uncertainties. The struggle for status and individual representation is well protected. The purpose of universal justice is respect for human beings. It is necessary to conceive the current context to better interpret the possible futures of the human being as a subject of actions and positions in a specific context. Furthermore, its positioning must be in favour of the Common Good. The article is fundamentally theoretical as a bibliographic contribution, whose method was hermeneutic.

Keywords: human being; society; anthropology.

La definición de ser humano: contexto y perspectiva

Resumen: En el cotidiano de la comunidad, la moral encuentra momentos de cuestionamiento porque el espíritu humano vive en una encrucijada e incertidumbres. La lucha por el estatus y la representación individual está bien protegida. El fin de la justicia universal es el respeto al ser humano. Es necesario concebir el contexto actual para interpretar mejor los posibles futuros del ser humano como sujeto de acciones y posiciones en un contexto específico. Además, su posicionamiento debe ser a favor del Bien Común. El artículo es fundamentalmente teórico como aporte bibliográfico, cuyo método fue hermenéutico.

Palabras clave: ser humano; sociedad; antropología.

O presente artigo reflecte em torno ao ser humano buscando compreender o lugar da antropologia na definição do humano. Através da dialéctica, emprega-se a análise de ideias de pensadores africanos e internacionais, mas sem a intenção de ser exaustivo nessas leituras pois busca-se nele apenas o suporte teórico para a definição do ser humano dentro dos parâmetros contextuais em que a sua vida se desenrola. Em perspectivas diferentes vários autores definem o ser humano como um ser de atitude tolerante e solidária com vista ao bem comum e bem-estar social.

O artigo é composto de quatro pontos, sendo o primeiro ponto a questão da epistemologia para situar o ser humano moçambicano no contexto do desenvolvimento. De seguida é abordado o segundo ponto que visa esclarecer como a antropologia foi usada durante um período colonial, para com isso intentar novas possibilidades de aplicação desta disciplina. O terceiro ponto centra-se ainda na antropologia, desta vez puxando-a para a reflexão sobre o ser humano moçambicano no mundo hodierno e, finalmente no quarto ponto fala-se na necessidade do ser humano crítico. Além destes pontos, o trabalho conta com a introdução e a conclusão.

Uma questão epistemológica

O mundo atravessa um dos momentos mais conturbados da história, onde o ser humano é experimentado por novos desafios que, talvez com o uso avançado da técnica pode trazer algum alívio, se, não os aumentar. É um momento em que doenças endémicas se propagam rapidamente através do fluxo alfandegário que globalização ocasionou, entre as viagens constantes e o constante fluxo de mercadorias. A violência se anuncia diariamente nos diferentes pontos geográficos. O terrorismo e a guerra desafiam o ser humano e muitos outros seres humanos são frequentemente alcançados pelo problema do subdesenvolvimento, sendo eles dos seres humanos mais pobres no mundo. São seres humanos que passam fome e vivem no extremo da pobreza, isto é, vivem numa renda diária de menos de dois dólares americanos.

Logo à vista, o mundo tem dificuldades humanas. São estas dificuldades, alarmes accionados intermitentemente em forma de problemas sociais que na esteira epistémica merecem atenção, pois, é necessário torná-los apreensíveis na tradição da investigação social sobre a problemática humana de modo a minimizá-los.

Para NGOENHA (2017), um dos problemas actuais em alguns países considerados subdesenvolvidos é a dificuldade verificada no contexto do desenvolvimento científico que leva esses países a se manterem aquém dos padrões internacionais e por isso mesmo, obrigados a se sujeitarem a condicionalismos para receberem algum apoio que os alivie da questão da pobreza extrema e do deficit orçamental em países que não conseguem suprir as suas despesas com fundos próprios. Para o autor, existe uma dificuldade inovadora nos preceitos epistemológicos. Esses preceitos ainda não são, por exemplo, dos moçambicanos, pois são

herdados do colonizador. Neste ponto, NGOENHA (2017) é continuado por LOPES (2018) quando este aborda a necessidade de centrar o olhar epistémico sobre a realidade que se vive de modo a conceber técnicas eficazes para determinadas circunstâncias. Existe nos dois autores a preocupação de um estudo contextual dos temas científicos. Estes dois filósofos africanos procuram por meio da sua filosofia criar alternativas para possíveis epistemologias que libertem os países do sul da hegemonia daqueles do norte.

Ultrapassar as dificuldades epistemológicas enfrentadas nos países do sul já é um passo para a autonomia. Esses países mostram-se dependentes dos países do norte no que diz respeito às alternativas de desenvolvimento pois eles não são capazes de conceber planos autónomos (NGOENHA, 2017).

O lugar da antropologia na definição de ser humano

Na história da filosofia, Protágoras de Abdera (entre 491 e 481 a.C. até finais do século) foi um filósofo do período de transição na filosofia grega. Filósofo da transição entre os períodos: cosmológico e antropológico, respectivamente. Pensou que “*o Homem é a medida de todas as coisas*”. Esta máxima que abriu o caminho para que o ser humano passasse a emitir juízos e viver de alguns desses mesmos valores em constante influência da sociedade (REALE e ANTISERI, 2007: 76-7).

Ao longo da história, concretamente, no auge do Liberalismo Moderno, a moral desta máxima revelou-se ao mundo como sendo o início da política propriamente dita, de indivíduo para indivíduo como viria a defender Hannah Arendt alguns séculos mais tarde. Sendo esta máxima a expressão de uma ética mais virada ao ser humano como sujeito histórico, deverá ser revista constantemente ao longo do percurso de crescimento do indivíduo moral, dentre os diferentes hipersubjectivos ou substantivos valorativos.

O relativismo de Protágoras é uma teoria que apesar de dividir os tradicionalistas e os universalistas, abriu espaço para no âmbito científico se abordar o ser humano enquanto uma entidade singular que leva uma vida moralmente mensurável em torno a um contexto social e sobre um leque de valores (re)construídos ao longo de gerações, isto é, conduzir uma discussão tendo como referência as particularidades contextuais, quer sejam, históricas, religiosas, políticas, económicas, ou de outra natureza, principalmente, aquela que diz respeito à esfera da ética enquanto reflexão de uma acção moralmente (in)válida, o que irá, de logo, remeter à uma reflexão sobre o sujeito, isto é, sobre a pessoa humana porque, no campo antropológico (que já é vasto), o valor de um ser humano não se mede pelos bens que possui e, nem pela sociedade sobre a qual ele se ergueu, mas pela cultura que ele desenvolveu e adoptou para si mesmo através das suas acções quando se dirige ao objectivo que envolve uma interacção com a alteridade.

O valor de um ser humano define-se ainda pela sua posição face aos desafios que se fazem frente, pela sua resiliência, além das retóricas distorcidas que se figuram sobre a sua sombra, passadas de momentos em momentos pela lógica dos canais da hiper-comunicação das massas que se vive hoje.

Na cortina do desespero actual, onde, se experimenta por conta da globalização dos ricos, o ser humano não é destinado a nenhum futuro, se não a um presente, no qual ele mergulha com toda a sua existência. Ele é um ser humano. Não se pode definir o ser humano se não numa singularidade e num presente. Deve-se tomar o ser humano dessa definição enquanto um ser de relações problemáticas que não se situam longe das vicissitudes quotidianas que o tornam susceptível

a observações ou/e comentários, mas não a valoração substantiva, pois uma obra só será classificada quando finalmente estiver concluída. Antes disso só apenas os tijolos são bons ou ruins e pode-se mudá-los sempre que possível.

O perspectivismo de Ortega y Gasset concebe uma abertura conceptual. Quanto mais abertos os ângulos de análise, mais significativo é o resultado pois este permite ver a unicidade. Permite ver a unidade através da multiplicidade. “O homem não é fácil de definir; a margem das suas diferenças é enorme; quanto maior for e menos estreita a noção do homem com que o historiador iniciar o seu trabalho”. Com efeito, o “homem é todo o ser vivente que pensa com sentido e que por isso nós podemos entendê-lo” (ORTEGA Y GASSET, 2007: 19-20).

A hermenêutica aplicada por terceiros à obra *As Palavras e as Coisas* (FOUCAULT, 2000) permitiu citar a seguinte passagem: “cada período da cultura tem o seu *a priori* histórico” (MONDIN, 2012: 259), um *a priori* que tal como o presente, se aflorou de um conjunto de valores que se acreditavam os mais verdadeiros e mais actualizados, quiçá dos valores mais próximos possíveis aos dos clássicos, porque os seus antropólogos sempre justificaram o desenvolvimento humano, embora estes sejam conceitos que se cunharam num *a posteriori* já bem próximo ao actual *in factum*. Pois, tendo invocado a antropologia, convém reconhecer que o ser humano não é aquele que se encontra a viver os tempos mais próximos daqueles que são os clássicos, mas um ser humano que reconhece a sua particularidade na margem da história da sua pequena/grande nação e busca honrar o nacionalismo que daí emana. É aquele que vivendo no seu tálamo cultural consegue dialogar com outras circunstâncias na procura de uma solução para os problemas que lhes são comuns. Simultaneamente deverá distinguir o que lhe é particular sem fazer disso o motivo da sua resignação face ao curso natural dos eventos históricos e da amizade ou mesmo sentir a necessidade de se vangloriar, pois este ser humano reconhece o ridículo mesmo que seja pintado de ouro, porque ele é o princípio das inimizades.

Hodiernamente, perguntar o que querer da Antropologia para o tempo humano moçambicano é contemporânea, pois significa reconectar-se com uma origem esquecida num mundo pós-moderno. Neste sentido, a revitalização antropológica sobre o ser humano mostra a possibilidade de oferecer respostas ou aberturas para novas perspectivas que mantenham o ser humano longe de todas as consequências negativas que durante os séculos XIX e XX foram afectando o ser humano de forma deliberada, isto é, através do desenvolvimento científico que criou o holocausto violento que se prolonga no terceiro mundo em pleno século XXI.

Com um bom fim em vista, aquela pergunta deve oferecer a possibilidade de interlocução para as várias ciências e culturas humanas de modo a fundar novas epistemologias com base nas necessidades que as sociedades moçambicanas enfrentam e que permanecem sem solução desde muitos anos, isto é, desde a época do colonialismo, pois, nesta sociedade os colonos locais “não viam com bons olhos a vinda de outros estrangeiros” que pretendessem incluir as culturas ali existentes na enciclopédia global dos saberes “e dificultavam qualquer tentativa de pesquisa” (MONDLANE, 1976: 7-8).

A consequência disso é que depois da independência, as premissas científicas de e sobre Moçambique marimbavam sobre os feitos da exclusão epistemológica, mas também da epistemologia da exclusão. Quanto às poucas premissas científicas existentes, elas teriam sido elaboradas sob a sede do imperialismo e, visavam o conhecimento das províncias. Tal conhecimento permitiria melhor exploração.

Quando já havia sido alcançada a independência, tais conhecimentos permaneciam e se perpetuavam e se tornaram realidades socialmente construídas no meio moçambicano, onde o branco é o mais capaz. Essa é uma crença que a emergência das multinacionais vem ainda a confirmar porque o moçambicano autônomo pouco ou quase nada sabe sobre o seu Moçambique. Estudos antropológicos de originalidade moçambicana, isto é, feito por pensadores moçambicanos e com conteúdos apresentados em línguas nacionais ou na língua oficial e publicados dentro do território nacional, são exclusivos ainda, se bem que muitos têm interesse neles.

Pelo que se pode saber, a antropologia tem muitas disciplinas e, com isso, múltiplas facetas de abordagens. Ora, através das diferenciadas abordagens, ela apresenta-se como uma disciplina que tem um potencial de colocar em comunicação ciências sociais e aplicadas. Desde a cultura até a economia. É comum encontrar em algumas abordagens a condição sobre o ser humano moçambicano que, mais do que nunca precisam ser reveladas as suas significações concretas, isto é, revelar o que esses todos assuntos significam nas vidas humanas que, grande parte delas conhece pouco da linguagem científica ali empregada. Aliás, está mais do que na hora de a antropologia “re-mobilizar as linguagens” em favor de uma comunicação mais eficaz (cf. NGOENHA, 2017; FANON, 2008).

A antropologia, sendo o estudo ou discurso do ser humano, é uma disciplina que faz a radiografia do ser humano enquanto um ser social. Na sociedade moçambicana verifica-se um déficit epistemológico e uma das causas desse déficit, é a exclusividade de estudos antropológicos, bem como a fraca percepção das linguagens empregadas nos discursos científicos. Portanto, a antropologia assume um lugar preponderante como a base epistemológica para uma fundamentação de contextos científicos.

Moçambicanização da antropologia

A procura dos significados é que motivou RICOUER (2006) a se envolver em conferências e leituras dos mais diversificados estilos de edição. O autor citou diversas acepções do conceito reconhecimento. O autor parte do pressuposto de que existem vários significados para um só signo. Por outro lado, antropologia também nos mostra que existem percepções diversificadas um signo, neste sentido, o ser humano.

No entanto, a procura de respostas marca o percurso de vida. Na esteira acadêmica, quando se quer saber acerca a vida humana e as viabilidades de sustentabilidade duradoura, uma das disciplinas que é prontamente chamada é a antropologia. Depois seguem as outras como, e principalmente, a economia política. Por seu turno, a antropologia oferece premissas da vida humana dentro de um agrupamento que se chama *volk* (povo). Porém, hoje, para a maioria dos moçambicanos, esta ainda é disciplina da civilização, para outros, se quer interessa a sua existência. Para essa segunda hipótese, basta analisar os dados sobre o êxito escolar e o próprio valor que alfabetização assume, principalmente com base naqueles que se formaram com base na Lei 6/92. Mas para outros, a antropologia é uma disciplina possível, porém estes outros são aqueles poucos que se aprofundaram na meditação e reflectiram através dos tempos, que entenderam que desde a escravatura até ao colonialismo construíram-se laços e muitas ciências se desenvolveram em África graças a esse triste período histórico e olham na antropologia como um método para calcular o tipo de abordagem necessária para intervir em determinados contextos.

Dos tantos problemas que enfrentam muitos países do Sul, a epistemologia é o mais interessante. É a África Subsaariana um exemplo mais próximo e, mais especificamente, em Moçambique, muitos homens e mulheres não dominam a documentação gráfica. Não obstante, a prova de evidência da Antropologia só tem sentido quando se operam no quadro alfabético porque estes países ainda não se libertaram da concepção etnocêntrica da ciência.

O estudo antropológico é um bem social para os moçambicanos. Mas hoje, em termos metodológicos, o que significa a antropologia no estudo dos conhecimentos marginais? Esta pergunta pode ser mais especificada de modo a questionar metodologicamente o objecto pretendido. Quais as possibilidades de a antropologia levantar um debate tomando o ser humano moçambicano como particularidade analítica?

Para responder a tal pergunta é preciso lembrar que a definição do ser humano não precisa ser repetida ou mesmo diferenciada em função da nacionalidade. Agindo de tal maneira, haveria de se notar a traição no próprio objecto de estudo da antropologia, o ser humano. Só existe um ser humano em espécie, mas diferentes seres humanos em cultura. Feito isso, segue-se dizer que o ser humano é um objecto de conhecimento. E, é por isso que ele é um “ser empírico” para as diferentes áreas de conhecimento (MARTINEZ e HACK, 2010: 389). Neste sentido, a primeira e talvez a mais notável possibilidade da antropologia no debate moçambicano sobre o ser humano é desconstruir conhecimentos socialmente construídos, ou seja, conhecimentos introvertidos que distorcem a realidade do ser humano moçambicano que se construíram na esteira do “etnocentrismo do pensamento ocidental” (MONDLANE, 1976: 57).

A «África Portuguesa» tem sido tradicionalmente pouco conhecida: os Portugueses não viam com bons olhos a vinda de outros estrangeiros e dificultavam qualquer tentativa de pesquisa séria nos territórios africanos controlados por eles, quer em assuntos sociais, economia e antropologia, quer no campo aparentemente neutro das ciências naturais. (MONDLANE, 1976: 7-8)

Cita-se de novo uma parte desta passagem. O objectivo é meramente justificar o interesse pela antropologia, em particular, em Moçambique. Portanto, tal necessidade justifica-se pela urgência de, nas palavras de Achille MBEMBE (2014), “sair da grande noite” para se dar a conhecer ao mundo como um ser humano verdadeiro, um ser humano que não tem natureza tal como foi durante a modernidade acusado de a ter. Mas só foi assim porque principalmente Hegel não se deu o tempo de escutar, de compreender Rousseau que afirmava que a sociedade, por meio das relações interpessoais formava o carácter do ser humano. O ser humano das culturas moçambicanas deve sair da grande noite através do autoconhecimento, pois, só assim será capaz de evoluir enquanto um ser dotado de uma ética do contexto e vencerá as limitações impostas ao seu contexto ao longo de séculos de atrofiamento cultural e projectará imperativos que se constituirão nos seus desafios para o dia seguinte, após a grande noite que ainda o cerca. Os planos do ser humano moçambicano devem ter em conta este axioma social: amanhã é outro dia. Há que se precaver dos infortúnios e preparar-se para as oportunidades.

Urgência do Senso Crítico

A preocupação existencial leva o ser humano a formular preceitos morais que impactam positiva ou negativamente sobre a sua visão política. No contexto contemporâneo de Moçambique encontramos dois momentos existenciais, sendo o momento comunitário e o momento liberal. O momento comunitário pode ser encabeçado pelo conceito “Homem Novo” oriundo do socialismo ocidental, depois tomado pela Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP)³ e só mais tarde trazido até ao contexto moçambicano por Sérgio Vieira. Aquele ser humano político deveria de tal maneira, transformar o mundo através do diálogo construtivo e positivo, porém que negava de certa forma a tradição. Como apontava MACHEL (1978) que o ser humano moçambicano deveria estar em altura de fazer uma autocrítica, fazer o diagnóstico do que é necessário na sua comunidade, bem como fazer o retrato do seu contributo em prol do bem comum. Era a partir daquela fórmula que um ser humano podia actuar a partir da sua comunidade tomando a ciência como a receita para um comportamento de mudança social. Naquela receita devia se combater arduamente a tradição pois ela remetia a religiosidade que cegava tal ser humano.

O segundo momento existencial será aquele marcado pelo abandono das ideias socialistas e pela aderência às ideias liberais. Neste momento, precisamente, ocorre o inverso daquilo que se deu no primeiro momento, pois o ser humano moçambicano é liberado do estado forte e centralmente planificado e é lançado à liberdade, onde, ele pode escolher seguir a tradição dos seus antepassados e a religião. Mas daqui, segue-se outro infortúnio que é o da ciência, portanto, da concepção das epistemologias através de uma aplicação da antropologia nos diferentes contextos. Durante o segundo momento, o ser humano das culturas moçambicanas passou a integrar valores edonistas nas suas lutas e, não mais concebe a educação como uma componente política como no primeiro momento, mas sim uma componente económica e já não se interessa pelo diálogo.

Pois bem, se, um posicionamento robusto faz-se de uma dose de cepticismo, então o ser humano que reside nele pode ser muito vigilante e tender a controlar toda a mudança. Por outro lado, se um o ser humano vive firmando posicionamentos liberais, pode acabar mudando sempre de posições com o desenvolvimento dos fenómenos sociais, pode não ser resistente quanto às mudanças e se deixar levar. No entanto, o ser humano crítico não é o primeiro, muito menos o segundo, mas aquele que sabe quando tomar a primeira, bem como quando tomar a segunda via em diversos contextos. É um ser humano preocupado em defender a harmonia social e o bem-estar da maioria, mesmo que em determinados contextos não seja compreendido pelos outros, o que significa que ele não se pode deixar levar com as ondas do seu tempo. O ser humano crítico deve tomar decisões profícuas e prudentes, sendo liberal ao mostrar o seu cepticismo e sendo céptico ao demonstrar o seu liberalismo. Um ser humano que deve ser tolerante e solidário.

Conclusão

Após séculos de resignação, o ser humano moçambicano ascendeu à independência. Com a independência, inicia-se uma nova época, que é uma época de desafios e de responsabilidades para que o ser humano não volte novamente a ser subjogado. Se o ser humano moçambicano não tornar por incerto o futuro, os ventos do capitalismo financeiro que já se verificam no seu meio o colocaram

³ Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas

numa dependência extrema da qual não será tarefa fácil se libertar. Urge ao ser humano ser crítico para com os hiperactivos que lhe são impostos através das epistemologias. O ser humano deve ser criativo para seu contexto para re-mobilizar os contextos de modo a dar-lhes significado na sua comunidade. Esse deve ser um processo que tenha em conta a convivência pacífica entre as diferentes culturas.

Perante o clima de aparofobia criado pelo neoliberalismo, é preciso que as comunidades através das suas culturas formem seres humanos capazes de serem tolerantes para aqueles que conseguem sobressair-se melhor no cunho pecuniário, seres humanos que se livrem das superstições por de trás do enriquecimento alheio. Também é preciso que as comunidades potencializem a solidariedade de modo a incluir os pobres na corrida comum.

Recebido em 24 de março de 2022.

Aceito em 30 de setembro de 2022.

Referências

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LOPES, Filomeno. *Filodramática: Os PALOP entre a Filosofia e a Crise da Consciência Histórica*. Maputo: Paulinas, 2018.

MABOTA, António dos Santos. “Nacionalismo, Condição para Um Projecto de Desenvolvimento de Sucesso: Uma Reflexão a Partir do Legado de Samora Machel”. In: FRANCISCO, Z. L. et al. (org.). *Actas da Conferência Sobre Educação “30 Anos com Samora Reflectindo Sobre a Educação em Moçambique”*. Gaza: Educar, 2018. pp. 121-138.

MACHEL, Samora Moisés. *Educar o Homem para Vencer a Guerra, Criar uma Sociedade Nova e Desenvolver a Pátria*. Maputo: Departamento do Trabalho Ideológico/FRELIMO, 1978.

MARTINEZ, Horácio Luján & HACK Rafael Fernando. Michael Foucault: O sujeito entre o Poder e o Saber. In: BATTISTI, C. A. (org.). *Às voltas com a questão do sujeito: posições e perspectivas*. Ijuí: Edunioste; Cascavel: Ed. Unijuí, 2010. pp. 387-409.

MBEMBE, Achille. *Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Narrativa Traçada. Luanda/Mangalde/Ramada: Edições Mulemba/Eduções Pedagogo, Lda, 2014.

MONDIN, Battista. *Curso de Filosofia 3: Os filósofos do Ocidente*. Tradução de Benônin Lemos. São Paulo: Paulus, 2012.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. 2ª ed. Tradução de Maria da Graça Forjaz. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

NGOENHA, Severino. *Resistir a Abadon*. Maputo: Paulinas, 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. *O que é a Filosofia*. Tradução de José Bento. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2007.

REALE, Giovanni. & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia I: Filosofia pagã antiga*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

RICOUER, Paul. *Percurso d reconhecimento*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.